

**ST10. EPISTEMOLOGIA, HISTORIOGRAFIA & LINGUAGENS**

658

**HISTORIOGRAFIA PARAIBANA: OLHARES SOBRE A SECA***Josinaldo Gomes da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** A presente comunicação oral tem como temática central traçar um breve percurso da historiografia das secas na Paraíba, numa perspectiva que busca, sobretudo, analisar os horizontes teóricos metodológicos que fundamentaram e fundamentam tais produções, que podem ser percebidas a partir do final do século XIX, com o trabalho de Irineu Joffily, passando pelo início do século XX, com a fundação do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - fundado em 1905) e chegando aos dias atuais, quando as abordagens historiográficas são fortemente influenciadas pela história social inglesa e pela história cultural ligada à matriz francesa.

**Palavras-chave:** Seca. Paraíba. Historiografia Paraibana.

**DO IHGP A FUNDAÇÃO DA UFPB**

O presente trabalho busca traçar um percurso, embora que sucinto, da historiografia paraibana, tendo como foco as abordagens que tratam sobre a seca. Nessa perspectiva, busca-se inicialmente entender a contribuição do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano) como entidade pioneira na escrita de uma História da Paraíba, que foi hegemônica até a década de 1950, quando ocorreu a fundação da Universidade Federal da Paraíba e com ela o início da produção de uma Historiografia acadêmica.

Fundado em 1905, o IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano) foi idealizado a partir da necessidade da formulação de uma história paraibana, que passou a ser veiculada nos jornais locais na segunda metade do século XIX. Período esse em que o discurso da *Identidade Nacional Brasileira* se fazia presente no imaginário social, sendo bastante forte na literatura romântica<sup>2</sup>. Nesse contexto, o IHGB (Instituto Histórico e geográfico Brasileiro) criado em 1848 teve a missão de escrever uma

<sup>1</sup> O autor é mestre em História pela UFCG – Universidade Federal de Campina Grande- PB, professor de História na Educação Básica na rede estadual de ensino da Paraíba, e na Rede Municipal de Ensino do Município de Salgadinho – PB; professor de História do Brasil na pós-graduação da FIP – Faculdades Integradas de Patos - PB.

<sup>2</sup> Ver: RIBEIRO, Renato Janine. Iracema ou a Fundação do Brasil. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010, pp.405-413.

História do Brasil que pudesse despertar na população brasileira o ideal de nação, isto é, o Brasil independente precisava construir uma história separada de Portugal sem que isso significasse rupturas.

O IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) surgiu fortemente vinculado ao regime imperial, sendo constituído por grande maioria de burocratas, formados na Universidade de Coimbra e Lisboa “alguns pertencentes ao mais alto escalão do Governo Imperial e outros a burocracia mediana. Formavam um todo coerente que tinha por tarefa formular um pensamento para as elites sobre a identidade brasileira”<sup>3</sup>.

Contudo, o IHGB viveu um momento de crise nos anos iniciais da República, quando o ministro do interior Aristides Lobo, redigiu um decreto determinando a sua extinção, mas foi impedido pelo advogado Araripe Júnior, que alegou que o Instituto não era um órgão público<sup>4</sup>.

Logo o IHGB recuperou seu prestígio e passou entre outras atividades a fomentar a fundação de Institutos Estaduais e Municipais. Foi nesse contexto que surgiu o IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano) que em linhas gerais, os seus fundadores

Tinham grandes semelhanças com os fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Também tinham, como atividade principal, cargos públicos e/ou burocráticos. Tinham formação idêntica, construída, principalmente, nos bancos escolares do Liceu Paraibano e/ou na Faculdade de Direito de Recife. Ocuparam cargos públicos chaves na política paraibana. Foram presidentes, vice-presidentes do Estado, deputados, senadores, conselheiros municipais. Suas atividades econômicas eram tão secundárias que não são explicitadas nas suas respectivas biografias. Profissionalmente, eram médicos, militares, jornalistas. Tiveram atuação importante na imprensa local. Foram diretores, redatores, colaboradores dos principais jornais locais<sup>5</sup>.

A tarefa básica do grupo fundador do IHGP foi produzir uma História da Paraíba escrita por intelectuais paraibanos, que pudesse despertar o sentimento de “paraibanidade” até então apático nos meios sociais. Lançaram-se então no trabalho de reunir e selecionar material para a grande empreitada, “glorificar o passado”. Sendo assim, requisitaram os restos mortais de André Vidal de Negreiros, adquiriram os retratos de Duarte Gomes da Silveira e sua esposa, encontraram o crânio de José Peregrino Xavier de Carvalho, cadastraram arquivos, reconheceram documentos históricos, fizeram escavações arqueológicas<sup>6</sup>, entre outras atividades que viabilizasse comprovar o processo histórico paraibano.

Em 1909, quatro anos após a fundação, o referido Instituto lançou o primeiro número da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano”. Revista essa que no ano de 2012 completou sua quadragésima segunda publicação.

<sup>3</sup> DIAS, 1996, p.32

<sup>4</sup> ALDÉ, 2008, p.56

<sup>5</sup> DIAS, 1996, p.35-36

<sup>6</sup> IDEM, p.39-40

A historiadora Margarida Maria dos Santos Dias em sua Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, defendida na Universidade Federal da Paraíba- Campus I estudou os seis números iniciais da revista em questão, publicados entre os anos de 1909 e 1928. Percebeu que nessa fase – o que poderíamos chamar de 1ª fase – O IHGP trabalhou com recortes temporais bastante recuados, visto que em seu projeto de construção de uma “paraibanidade” e de uma História da Paraíba separada de Pernambuco, empenhou-se em ressaltar o caráter pacífico do paraibano, associado a bravura e a intrepidez. Sendo assim, o acordo que resultou na fundação da Cidade de Nossa Senhora das Neves, a resistência aos holandeses ocorrida no século XVII e as revoluções de 1817 e 1824 se tornaram temáticas centrais para os intelectuais ligados ao IHGP, e mesmo não havendo nenhuma evidência de um partido republicano na Paraíba, nem a presença de clubes e jornais empenhados com o ideal de República, o IHGP procurou tratar o 15 de novembro como a culminância da vocação republicana dos paraibanos.<sup>7</sup>

Com advento de 1930, é possível perceber que “ao lado de temas inseridos em tempos históricos mais recuados também foram produzidos trabalhos que hoje poderíamos classificar como História do tempo presente”<sup>8</sup>. Visto que, no calor dos acontecimentos, a “Revolução de 1930” passou a fazer parte das produções historiográficas do IHGP, sendo assim no período que se estende de 1930 a 1945, que poderíamos chamar de segunda fase do IHGP, alguns dos seus sócios a exemplo de José Américo de Almeida, Ademar Vidal, João Lelis e Álvaro de Carvalho que haviam vivenciado de perto as tramas do conflito de 1930 se lançaram a escrever sobre o tema, isto é, se “aventuraram como memorialistas, ideólogos e historiadores do movimento de 1930”<sup>9</sup>. Nessa perspectiva, a morte de João Pessoa, ocorrida em 26 de julho de 1930 e os relatos de memória de pessoas que haviam vivenciado o movimento de 1930 marcaram o perfil das obras ligadas ao IHGP.

Na década de 1950, com a fundação da Universidade da Paraíba (que no ano de 1960 passou a denominar-se Universidade Federal da Paraíba – UFPB) ocorreu o início de uma produção historiográfica acadêmica<sup>10</sup>, visto que juntamente com a fundação da Universidade, ocorreu também a criação do primeiro curso de História. No entanto, no período compreendido entre 1955 e 1976 a pesquisa historiográfica foi bastante limitada, destacando-se alguns trabalhos versando sobre fontes documentais, numa perspectiva mais descritiva dos acervos e das suas respectivas potencialidades. “Cabe citar o trabalho de Elza Regis de Oliveira, considerada uma pioneira em pesquisas sobre fontes históricas de interesse para a História da Paraíba”<sup>11</sup>.

A criação da primeira pós-graduação (nível mestrado em História do Nordeste do Brasil na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) no ano de 1975, que possibilitou a muitos professores do curso de História da UFPB, cursarem o mestrado,

<sup>7</sup> DIAS, 1996, P.62

<sup>8</sup> AIRES, 2013, p. 142

<sup>9</sup> Idem, p.136

<sup>10</sup> O que não significa dizer que o IHGP tenha parado suas atividades, ao contrário, continuou produzindo trabalhos historiográficos, disponibilizando seu acervo para pesquisas, editando sua revista. Revista essa que no ano de 2012 chegou ao número 42.

<sup>11</sup> SILVA, 2013, p.178

contribuiu de forma decisiva no fomento a pesquisa acadêmica na Paraíba. Outra contribuição não menos importante para a pesquisa foi sem dúvida a criação do NDHIR (Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional), entidade responsável por “organizar e sistematizar as fontes historiográficas referentes à História Regional e/ou da Paraíba”<sup>12</sup>.

## HISTORIOGRAFIA DAS SECAS NA PARAÍBA: UM PERCURSO

Em nossa pesquisa bibliográfica, onde procuramos rastrear as obras que tratam sobre a temática da seca na Paraíba percebemos que antes mesmo da fundação do IHGP no ano de 1905, o paraibano Irineo Joffily, em seu livro *Notas sobre a história da Parahyba*, com a primeira edição publicada em 1892, no Rio de Janeiro, com o prefácio de Capistrano de Abreu. Entre outros temas relacionados à História da Paraíba, tratou a seca como um fenômeno puramente climático, perspectiva essa predominante no século XIX. Elencou os efeitos de tal fenômeno a partir do final do século XIX, visto que segundo ele “os mais antigos documentos históricos que possuímos mencionam a secca de 1692, como a primeira que flagellou aquela região”<sup>13</sup>. Relacionou também as secas mais notáveis do século XVIII (1723, 1745, 1777, 1791, 1792, e 1793). Se ocupou com mais profundidade no estudo da seca de 1877, visto que, segundo ele essa seria “de todas a mais horrorosa em seus efeitos”<sup>14</sup>, nessa perspectiva, aborda recortes ligados ao imaginário “mitológico” presente nas populações que habitavam a área da seca, elencando experiências realizadas pelos agricultores para saber se o ano seria “bom ou ruim” de inverno<sup>15</sup>.

A partir da criação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, alguns artigos versando sobre a seca se fizeram presentes no referido periódico, no entanto esse não foi o tema central do Instituto “em sua primeira fase”, visto que, estavam mais preocupados com o sentimento de paraibanidade, conforme vimos acima. No entanto, o paraibano José Américo de Almeida, ligado ao IHGP, debruçou-se no trabalho de fazer um relatório referente as obras contra as secas no governo do também paraibano Epitácio Pessoa, trabalho esse que resultou em livro, intitulado *A Paraíba e seus problemas*, teve a primeira edição no ano de 1923. O autor procurou relacionar o flagelo presente na Paraíba ao fenômeno da seca. Fez uma breve análise das ações governamentais voltadas ao socorro dos “flagelados da seca” na segunda metade do século XIX, destacando a ineficiência de tais ações, visto que “essas obras eram, dirigidas pelos chefes políticos locais e, por isso, além de consumirem avultadas

<sup>12</sup> SILVEIRA, 2011, apud SILVA, 2013, p.178

<sup>13</sup> JOFFILY, 1976, p.90

<sup>14</sup> Idem, 1976, p.92

<sup>15</sup> Os habitantes dessa região utilizam várias experiências para prever o regime de chuvas do ano vindouro, dessa forma observam os astros a exemplo do círculo da Lua, o céu escamento; utilizam-se também de superstições religiosas como: as experiências do dia de Santa Luzia, os estalos ao partir da hóstia nas missas, se o estalo for seco o ano será ruim de inverno; observam também as árvores, os animais e os insetos, sendo assim o florescer prematura ou demorado do umbuzeiro, pau d’ arco, barriguda e facheiro, o canto de algumas aves, o coaxar das rãs, a mudança de certos insetos etc., fundamentam sua opinião sobre o inverno do próximo ano. (JOFFILY, 1976, p.176)

quantias no interesse partidário, não obedeciam às necessárias condições técnicas. Desapareciam aos primeiros invernos”<sup>16</sup>, dessa forma a seca de 1877 encontrou o Nordeste desamparado, sem infra-estrutura para enfrentá-la.

No entanto, o objetivo principal da obra foi destacar as principais características do projeto de obras contra as secas iniciado no período em que Epitácio Pessoa ocupou a presidência da República do Brasil, e foi paralisado no governo de Artur Bernardes. Sendo assim o Presidente do Estado da Paraíba, senhor Solon de Lucena entendeu que o meio mais sensível de expressar o reconhecimento dos paraibanos pelos benefícios que o projeto de obras contra as secas desenvolvido no governo do senhor Epitácio Pessoa, seria a publicação de um livro que pudesse perpetuar o esforço redentor<sup>17</sup>.

Cabe ressaltar que no mesmo período da publicação da 1ª edição do livro *A Paraíba e seus problemas*, em 1923, outros estados brasileiros também estavam publicando livros que seguiam a mesma linha da obra de José Américo, isto é, procuravam analisar em profundidade os problemas estaduais e regionais.

No entanto, no pós-1930, que chamamos acima de 2ª fase do IHGP, a ênfase das publicações foi sem dúvida construir uma memória da “Revolução de 1930” sendo assim as publicações giraram em torno desse objetivo. E no que diz respeito a questão da seca podemos destacar a publicação do *Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*, escrito por José Américo de Almeida, tendo como tema central relatar as obras realizadas na sua passagem pelo Ministério da Viação durante a seca de 1932.

Só a partir da década de 1980 foi que a temática da seca na Paraíba passou a ser objeto de estudo em trabalhos acadêmicos, através da dissertação de mestrado em História, intitulada de *Estrutura de Poder e Secas na Paraíba (1877/1922)* defendida na Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1982, pela professora Lúcia de Fátima Guerra, publicada em 1993 pela editora da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) ligeiramente modificada, com o título de *Raízes da Indústria da Seca o caso da Paraíba*. “O livro vai ao ponto: caracterizar como foi engendrada a ‘indústria da seca’ na Paraíba, do início da intervenção do Estado (imperial) à institucionalização da política de combate às secas”<sup>18</sup>.

A tese intitulada: *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*, defendida na UNICAMP, no ano de 2001, pelo professor Gervácio Batista Aranha, no seu segundo capítulo, busca compreender os jogos do político que marcaram as concessões de trechos ferroviários na Paraíba e região. E dessa forma percebeu toda uma teatrocrazia em torno da seca, presente nos discursos dos parlamentares ligados aos Estados situados na área atingida pela estiagem. É um trabalho inovador que estabelece um diálogo importante com a antropologia e com isso marca uma nova fase na historiografia das secas na Paraíba.

<sup>16</sup> ALMEIDA, 1980, p. 305

<sup>17</sup> Idem, p.25

<sup>18</sup> SILVEIRA, IN: FERREIRA, 1993, p.10

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe ressaltar que não tivemos a pretensão de esgotar uma temática tão ampla em um único trabalho, assim como é uma constante no trabalho do historiador tivemos de fazer escolhas, no entanto chegamos ao final deste artigo com muitas inquietações, e a certeza de que além dos trabalhos analisados acima, existem inúmeras pesquisas de conclusão de curso: monografias, dissertações e teses que abordam a temática em estudo, porém a partir dos trabalhos que tivemos oportunidade de analisar foi possível perceber que o campo temático que aborda a questão da seca na Paraíba tendo como foco a história social dos trabalhadores, numa perspectiva que procura revelar o cotidiano e a resistência desses proletários é lacunar na historiografia paraibana.

663

## REFERÊNCIAS

AIRES, José Luciano de Queiroz. **A fabricação do mito João Pessoa: batalhas de memórias na Paraíba (1930 – 1945)**

ALMEIDA, José Américo. **A Paraíba e seus problemas**. 3 ed. João Pessoa PB: Governo do Estado, 1980.

DIAS, Margarida Maria dos Santos. **Intrépida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da História local**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora LTDA, 1996.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba**. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 1993.

JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Parahyba**. Fac-simile da primeira edição publicada no Rio em 1892. Brasília: Thesaurus editora, 1976.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL, ano 4, nº 39 dezembro de 2008.

RIBEIRO, Renato Janine. Iracema ou a Fundação do Brasil. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2010, pp.405-413.

SILVA, Josinaldo Gomes da. **Cidade cultura e fontes: um percurso pela historiografia do interior paraibano**. In: ARANHA, Gervácio Batista; FARIAS, Elton John da Silva. **Epistemologia Historiografia e Linguagens**. Campina Grande – PB: EDUFCEG, 2013.